

ANARQUISMO E TEMPO PRESENTE

A contribuição de Michel Foucault

“Nos dois primeiros anos de vida em Clermont (60-62), Michel Foucault tomou-se amigo de Jules Vuillemin. Faziam longas caminhadas pelas ruas do centro histórico, almoçavam juntos com frequência, por vezes na companhia de colegas da faculdade de filosofia. Muitas vezes em mesas de dez pessoas. (...) E ainda assim eram muitas as diferenças entre os dois professores. (...) A distância que os separava era também considerável: Vuillemin aproximou-se gradualmente da direita, enquanto que Foucault, bem ou mal, permaneceu um homem de esquerda. Discutiam muito entre si e Foucault concluía em geral com o comentário: “No fundo, você é uma anarquista de direita e eu um anarquista de esquerda.” (ERIBON, 1991, p.174)

Etapas da Apresentação:

- O **contexto** no qual sua obra se desenvolve e alguns **aspectos metodológicos** do seu pensamento.
- Principais **noções** da sua segunda fase de pensamento que **permitem a relação** com o anarquismo.
- Particularmente: **Biopolítica; Racismo de Estado; Estado Policial; Crítica ao Estado Policial; Contraconduta anarquista.**
- **Ética libertária** e **Iluminismo originário** na terceira fase de seu pensamento.

Paralelos Gerais

Forma de anarquismo contemporâneo

- “É o que vocês gostariam que eu fosse. Não, eu não me identifico com os anarquistas libertários, porque há uma certa filosofia libertária que acredita nas necessidades fundamentais do ser humano. Eu não as quero, me nego acima de tudo ser identificado, ser localizado pelo poder”
(FOUCAULT, 1994, p. 664)
- Abordagem descentralizadora e anti-hierárquica.
- Vínculo com os movimentos de sessenta e oito.
- Confiança nas lutas específicas: qualifica outras opressões além da luta de classes.
- Primazia do concreto nas análises, afirmação da importância do micro para o macro, afirmação de um poder que se exerce de baixo para cima.
- Qualifica também o chamado subproletariado e seu potencial revolucionário.
- Desqualifica as instituições ditas democráticas, as analisa como modos de produção e reprodução das dominações, colocando em cheque também com isso as vias de luta institucionais

CONTEXTUALIZAÇÃO DO AUTOR:

“NÃO ME PERGUNTE QUEM EU SOU E NÃO ME PEÇA PARA PERMANECER O MESMO”

Fase Arqueológica

- Análise das epistémês, isto é, das redes de regularidades, das configurações do saber que tornam possível qualquer conhecimento em determinada época.
- Ser humano inteiramente determinado por estas epistémês.
- A história se desenvolveria de modo descontínuo, através de sucessivas rupturas.
- Anti-teleologia e anti-positivismo: Não haveria um corpo permanente de saber que se acumularia rumo a verdade.

Fase Genealógica

- Origens das próprias regularidades nas configurações de saber que remete às relações de poder. Analítica do saber poder.
- Diferentes dispositivos de poder que possibilitaram a origem dos saberes
- Não fundamento, mas emergência.
- Estudo das produções políticas de saberes.

Acontecimentos de Maio de 68 na França.

“Não acho que fui o primeiro a colocar esta questão [a questão do poder]. Pelo contrário, me espanta a dificuldade que tive para formulá-la. Quando agora penso nisto, pergunto-me de que **poderia ter falado, na História da Loucura ou no Nascimento da Clínica, senão do poder**. Ora, tenho perfeita consciência de **não** ter praticamente usado a palavra e de não ter tido este campo de análise à minha disposição. Posso dizer que certamente houve uma incapacidade que estava sem dúvida ligada à situação política em que nos achávamos. Não vejo quem – na direita ou na esquerda – poderia ter colocado este problema do poder. **Pela direita, o poder estava somente colocado em termos de constituição, de soberania, etc., portanto, em termos jurídicos; e, pelo marxismo, em termos do aparelho do Estado.** Ninguém se preocupava com a forma como o **poder se exercia concretamente** e em detalhes, com sua especificidade, com suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no outro, no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global: o poder no socialismo soviético era chamado por seus adversários de totalitarismo; o capitalismo ocidental era denunciado pelos marxistas como dominação de classes, mas a mecânica do poder nunca era analisada. **Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base, com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas das redes de poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e, ao mesmo tempo, a fecundidade possível dessas análises do poder, que tinham como objetivo dar conta destas coisas que até então tinham ficado à margem do campo das análises políticas.**”(FOUCAULT, 1979, p.06)

Internacional Estudantil - Antecedentes

- Término da II° Guerra Mundial
- Governo de centro-esquerda denominado Quarta República
- Guerra de independência da Argélia
- Direita no poder: general De Gaulle.
- Partido Comunista francês enfraquecido, burocratizado e incapaz de ameaçar a ordem estabelecida.
- trotskistas, maoístas e anarquistas

Internacional Estudantil - França

- **Ocupação** pelos estudantes, em 22 de março, da universidade de Nanterre em protesto contra a prisão de seis estudantes do Comitê Vietnã Nacional.
- Em maio, **a polícia ocupou a Sorbonne**, gerando **manifestações e enfrentamentos** estudantis em praticamente todo o país. Quanto mais prisões, mais protestos e, quanto mais protestos, mais prisões.
- No dia 10 de maio, mais de 15 mil manifestantes, impedidos de ingressar no famoso bairro universitário Quartier Latin, entraram em **conflito com a polícia durante aproximadamente 4 horas**.
- O **governo francês recuou**, liberando a Sorbonne

Comuna **estudantil**

- Formaram-se comunas estudantis **sem líderes** nos bairros universitários
- **Partidos políticos** e esquerda tradicional são **rechaçados**
- Categorias entram em **greve** e tomam parte na movimentação estudantil
- **Trabalhadores ocupam fábricas** sem nenhum comando de greve central por parte dos sindicatos.
- A França é **paralisada**.
- **Foucault participa ativamente destes acontecimentos.**

Características

- Presença massiva de **ações diretas**
- **Pluralidade**: protestavam conjuntamente inúmeros grupos sem que nenhum deles comandasse o movimento: **trotskistas, maoístas, anarquistas** e até defensores de uma “política estética”
- O **governo francês ficou desmoralizado** perante o mundo e o **Partido Comunista perdeu sua autoridade** diante dos trabalhadores com uma greve de ocupação liderada pelos próprios trabalhadores.
- **Traição sindical**: Foi um **acordo entre De Gaulle e o Partido Comunista**, após sua total perda de espaço, que procurou estabelecer negociações para conter o avanço do movimento. **Os sindicatos controlados pelo Partido Comunista assinaram então o acordo Grenelle com o governo**, que fazia várias concessões trabalhistas mas que não contemplava nem de longe as reivindicações do movimento.
- Mesmo com o acordo, a greve não acabou.
- Em 30 de maio, De Gaulle **dissolve o Parlamento** e **convoca eleições** gerais. A esquerda institucional, **visando as eleições**, apoia o pleito e o fim da greve. O governo recupera fábricas e universidades ocupadas, **colocando grupos estudantis na ilegalidade, proibindo manifestações e prendendo militantes**. Mesmo assim a direita gaullista termina vencendo as eleições.

Consequências

- Demonstração da **força do poder popular** nas ruas **a partir das bases**.
- A **reviravolta de valores** que os **movimentos feministas, homossexuais, negros e de contracultura** acarretaram, levaram a lutas profundas, que são continuadas ainda hoje.
- Se tratou antes de tudo de um **movimento que ultrapassou as interpretações marxistas** dos conflitos sociais, mostrando com isso o limite de tais leituras. Sua principal vertente foi o **socialismo libertário** e apontou as fraquezas tanto do capitalismo, quanto do socialismo clássico.

Voltando ao Foucault

- Foucault era docente em Nanterre, ele participou da ocupação da universidade e lutou diretamente pela libertação dos estudantes presos nas manifestações. Ele também esteve presente nos atos violentos em Paris e participava regularmente das assembleias após a tomada da Sorbonne. Além disso, foi um dos fundadores do **GIP (Grupo de Informações sobre as Prisões)**, que trabalhava para dar voz aos detentos nas prisões francesas, trabalho este que foi determinante para sua produção a partir de então.

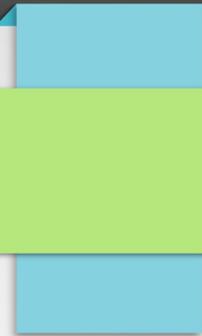
Relação não vanguardista dos intelectuais com a luta

“Pareceu-me que um novo tipo de **relação e de trabalho comum, diferente do passado, entre intelectuais e não intelectuais**, era, doravante, possível. Eu fui profundamente impressionado por estas moças e estes moços que se expunham a riscos consideráveis. Foi, para mim, uma verdadeira experiência política. Eu tentei fazer coisas que implicavam um engajamento pessoal, físico e real, e que colocavam os problemas em termos concretos, precisos, definidos no interior de uma situação dada.”

(FOUCAULT, 1994, p.81)

Teoria e Prática

“Parece-me que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia a partir de duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, maldito, acusado de subversão, de imoralidade, etc...); em segundo lugar, seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente não eram percebidas. Estas duas formas de politização não eram estranhas uma em relação à outra, embora não coincidissem necessariamente. Havia o tipo de intelectual maldito e o tipo de intelectual socialista. Estas duas formas de politização facilmente se confundiram em determinados momentos de reação violenta do poder, depois de 1848, depois da Comuna de Paris, depois de 1940: o intelectual era rejeitado, perseguido, no momento mesmo em que as coisas apareciam em sua “verdade”, no momento em que não se devia dizer que o rei estava nu. O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência. Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida este discurso e este saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da consciência e do discurso também faz parte deste sistema. O papel do intelectual não é mais do que se colocar um pouco na frente, um pouco de lado para dizer muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, objeto e instrumento: na ordem do saber, da 'verdade', da 'consciência', do discurso.” (FOUCAULT, 1979, p.71)



“Aquilo que eu havia tentado fazer neste domínio foi recebido com um grande silêncio por parte da esquerda intelectual francesa. E foi somente por volta de 68, apesar da tradição marxista e apesar do Partido Comunista, que todas estas questões adquiriram uma significação política com uma acuidade que eu não suspeitava e que mostrava o quanto meus livros anteriores eram ainda tímidos e acanhados. Sem a abertura política realizada naqueles anos, sem dúvida, eu não teria tido coragem para retomar o fio destes problemas e continuar minha pesquisa no domínio da penalidade, das prisões e da disciplina.”

(FOUCAULT, 1979, p.03)

Noções

Modernidade: O poder clássico seria um poder negativo, em sua maior parte, repressivo. Ao passo que o poder moderno, ao contrário, se exerceria através da disciplina dos indivíduos, por meio de **poder disciplinar**, ou pelo **biopoder**, que diria respeito à política do corpo social. A genealogia quer dar conta da forma de poder moderno. A modernidade, a partir de um pretenso humanismo, cria uma nova tecnologia de dominação que se opõe ao poder repressivo e centralizador do Estado mas serve à manutenção deste.

Conceitos Chaves da fase genealógica

- **Saber-poder:** É o poder que produz saber, e todo saber é também uma relação de poder, daí não apenas não haver conhecimento neutro, como também a importância de se criar saberes da resistência, de se dar voz aos saberes dominados, de se manter o protagonismo dos oprimidos nas suas próprias lutas. A ideia de uma vanguarda intelectual engajada, que produziria o saber dos oprimidos é recusada por ser um modo de manutenção da dominação, querer dizer a verdade de alguém também é dominar, caberia aos detentos construir sua verdade, tanto quanto ao proletários, às mulheres, aos negros, aos homossexuais, etc. Só isso poderia ser libertador. Não se poderia construir a ideologia proletária, como um intelectual orgânico, engajado, para, como isso, intervir na luta de classe. Tentar fazer isso é já tomar parte na dominação e opressão.
- **Poder-disciplinar:** Abordagem das relações de poder na modernidade como fundado em relações de forças, como disseminado nos espaços e nos corpos dos indivíduos, na observação constante e não na punição, como não meramente repressivo, isto é, negativo, mas como afirmativo e produtivo. o poder moderno se exerceria através da disciplina dos indivíduos e do controle biopolítico da sociedade. A disciplina na modernidade é fundamentada no sujeito, na criação de subjetividades. Se exerce na criação e normalização de sujeitos, o poder disciplinar é interiorizado em moral. A modernidade inventaria a liberdade, uma liberdade que vem aomesmo tempo e necessariamente junto com a prisão. A disciplina, interiorizada nas práticas, nos corpos constituiria uma tecnologia de poder muito mais eficaz que o poder repressivo.

Conceitos Chaves da fase genealógica

- **Microfísica:** Foucault valoriza as pequenas lutas, as resistências pontuais, as rebeliões fragmentárias como carregando não um passo para a revolução que, certamente, viria, mas como, para além de qualquer suposto determinismo, sendo elas mesmas revolucionárias. O poder na genealogia é focado em sua singularidade local, em sua multiplicidade. A genealogia não é uma teoria geral do poder, é uma análise das várias relações de poder que quer liberar os saberes dominados. O poder partiria do micro, do átomo, para só depois se constituir em um aparelho, em instituições e no Estado
- **Resistências:** O poder nunca se dá somente numa direção, ele é criativo, emana das relações concretas e micros, ele perpassa todo o corpo social, inclui sempre resistências, não há relação de poder sem gerar uma resistência na direção contrária. A abordagem do Foucault é encarada por ele mesmo como uma ação política de resistência que permitiria libertar as práticas reincidentemente soterradas pela memória histórica. A analítica saber-poder não se dá de cima para baixo, o poder em Foucault é mostrado como ascendente, isto é, como vindo de baixo para cima e estando disperso em toda a estrutura social.

Relações de Poder

“O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é o poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos estruturado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é constituir uma teoria do poder que teria por função refazer o que um Boulainvilliers ou um Rousseau quiseram fazer. Todos os dois partem de um estado originário em que todos os homens são iguais, e depois, o que acontece? Invasão histórica para um, acontecimento mítico-jurídico para outro, mas sempre aparece a ideia de que, a partir de um momento, as pessoas não tiveram mais direitos naturais e surgiu o poder. Se o objetivo for construir uma teoria do poder, haverá sempre a necessidade de considerá-lo como algo que surgiu em um determinado ponto, em um determinado momento, de que se deverá fazer a gênese e depois a dedução. Mas um poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações de poder.” (FOUCAULT, 1979, p. 248)

Fazer revolução não é tomar o poder

- “Eu não aprovo a análise simplista que consideraria o poder como uma coisa só. Foi dito a esse respeito que os revolucionários procuram tomar o poder. Pois bem, eu seria muito mais anarquista quanto a isso. Costuma-se dizer que eu não sou anarquista na medida em que não admito essa concepção totalmente negativa do poder; mas não concordo com vocês quando dizem que os revolucionários procuram tomar o poder” (FOUCAULT, 1994, p. 642)

Crítica às instituições

- “A luta anti-judiciária é uma luta contra o poder e não uma luta contra as injustiças, contra as injustiças da justiça ou por um melhor funcionamento das instituições judiciárias. Não deixa de ser surpreendente que sempre que houve motins, revoltas e sedições o aparelho judiciário tenha sido um dos alvos, do mesmo modo que o aparelho fiscal, o exército e outras formas de poder. Minha hipótese – mas é apenas uma hipótese – é que os tribunais populares, por exemplo, no momento da revolução francesa, foram um modo da pequena burguesia aliada às massas recuperar, retomar nas mãos o movimento de luta contra a justiça. E para retomá-lo propôs o sistema do tribunal que se refere a uma justiça que poderia ser justa, a um juiz que poderia dar uma sentença justa. Mas a própria forma do tribunal pertence a uma ideologia da justiça que é a da burguesia.” (FOUCAULT, 1979, pp.73-74)

Interseccional

“Se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria. E iniciando esta luta - que é a luta deles - de que conhecem perfeitamente o alvo e de que podem determinar o método, eles entram no processo revolucionário. Evidentemente como aliado do proletariado pois, se o poder se exerce como ele se exerce, é para manter a exploração capitalista. Eles servem realmente à causa da revolução proletária lutando precisamente onde a opressão se exerce sobre eles. As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles. Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular. E, na medida em que devem combater todos os controles e coerções que reproduzem o mesmo poder em todos os lugares, esses movimentos estão ligados ao movimento revolucionário do proletariado.” (FOUCAULT, 1979, pp.77-78)

Biopolítica

segunda metade do século XVIII

- Controle de reprodução, da natalidade e da mortalidade:
REGULAMENTAÇÃO
- 'Fazer viver, deixar morrer' X 'Fazer morrer, deixar viver':
O poder passa a se incumbir da vida em geral.
- Endemias: presença permanente da morte
- Higienismo
- Controle da população, estatística, previdência
- Fenômenos coletivos

Sociedade de Normalização

- **DISCIPLINA**
 - Corpo Individual
 - Já no século XVII
 - Moral
- **BIOPODER**
 - Corpo biológico:sociologia populacional
 - A partir do século XVIII
 - regulamentação

Racismo de Estado

- Como o Estado pode exercer poder de morte em um sistema centrado no biopoder. **Assegura a função assassina do Estado no biopoder.**
- Não haveria funcionamento do Estado Moderno sem racismo. **O racismo permitiria introduzir um corte entre o que deve viver e o que deve morrer.**
- “Para viver, é preciso que outro morra” **“Quanto mais você deixar morrer, mais viverá”** - A morte do outro seria o fortalecimento biológico da própria pessoa enquanto uma parcela da população.
- Aceitabilidade de se tirar a vida em uma sociedade de normalização.
- **Os Estados mais assassinos são os mais racistas.**

Racismo de Estado

“Vocês compreendem, em consequência, a importância – eu ia dizer a importância vital – do racismo no exercício de um poder assim: **é a condição para que se possa exercer o direito de matar.** Se o poder de normalização quer exercer o velho direito soberano de matar, ele tem de passar pela racismo. E se, inversamente, um poder de soberania, ou seja, um poder que tem direito de vida e de morte, quer funciona com os instrumentos, com os mecanismos, com a tecnologia da normalização, ele também tem de passar pelo racismo. **É claro, por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.**” (FOUCAULT, 1978, p. 306)

Racismo de Estado

- “Em linhas gerais, o racismo, acho eu, assegura a **função de morte** na economia do biopoder, segundo o princípio de que **a morte dos outros é o fortalecimento da própria pessoa** na medida em que ela é membro de uma raça ou população, **na medida em que se é elemento de uma pluralidade unitária** e viva. Vocês estão vendo que aí estamos, no fundo, muito longe de um racismo que seria, simples e tradicionalmente, desprezo ou ódio das raças umas pelas outras.” (FOUCAULT, 1978, P. 308)

Nazismo

“É preciso que se chegue a um ponto tal que **a população inteira esteja exposta à morte**. Apenas esta exposição universal de toda a população à morte poderá efetivamente constituí-la como raça superior e regenerá-la definitivamente perante as raças que tiverem sido totalmente exterminadas ou que serão definitivamente sujeitadas.” (FOUCAULT, 1978, p. 310)

Nazismo

“Tem-se, pois, na sociedade nazista esta coisa, apesar de tudo, extraordinária: é uma sociedade que **generalizou absolutamente o biopoder**, mas que **generalizou, ao mesmo tempo, o direito soberano de matar**. Os dois mecanismos, o clássico, o arcaico, que dava ao Estado direito de vida e de morte sobre seus cidadãos, e o novo mecanismo organizado em torno da disciplina, da regulamentação, em suma, o novo mecanismo de biopoder, vêm, exatamente, a coincidir.” (FOUCAULT, 1978, P. 311)

Nazismo

- Em que medida há nazismo na sociedade moderna? **Práticas e valores fascistas dissolvidos na sociedade moderna.**
- Leva ao paroxismo o direito de matar no biopoder. **Todos com poder de morte sobre o outro.** Exposição generalizada à morte. Possibilidade de destruir as condições de sua própria existência. **Apenas o mais forte deve sobreviver.**
- Resistir a isso: recusar toda hierarquia e representação.

Crítica à representação

A meu ver você foi o primeiro a nos ensinar – tanto em seus livros quanto no domínio da prática – algo de fundamental: a indignidade de falar pelos outros. Quero dizer que se ridicularizava a representação, dizia-se que ela tinha acabado, mas não se tirava a consequência desta conversão teórica, isto é, que a teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falassem por elas mesmas.” (DELEUZE, In: FOUCAULT, 1979, p.72)

Estado Policial - Início do século XVII até primeira metade do século XVIII

- Arte de Governar = Exercer a força policial
- Manter a balança da Europa, o equilíbrio europeu – **Polícia Interestadual**
- Conjunto de meios pelos quais é possível **fazer o Estado crescer** – **bom uso das forças** do Estado
- **Estatística**: conhecer suas forças, as forças dos outros e comparar – possível e necessária por causa da **polícia**

Estado Policial - Início do século XVII até primeira metade do século XVIII

- A figura do “conservador e reformador geral da **POLÍCIA**”
- O **governo inteiro**: polícia propriamente dita e polícia não propriamente dita (caridade; comércio; propriedade)
- O que interessa à polícia: **ocupações e atividades dos sujeitos** (estimular; determinar; orientar; torná-las úteis ao Estado)

Estado Policial - Início do século XVII até primeira metade do século XVIII

- Quantidade de pessoas: **abundância de seres humanos vivos, sadios e pacíficos** em relação ao território, recursos naturais, riquezas e atividades. Assegurar que os homens vivam em grande número.
- Necessidades imediatas (alimentos, roupas, habitação). Manter a vida: **polícia da circulação e comercialização**.
- **Polícia da saúde**: condição para exercer atividades.
- **Polícia do trabalho**: Fazer trabalhar todos que podem trabalhar e zelar para que os ofícios necessários sejam realizados.
- Disciplina = Bem estar. **Bondade da vida**: religião e costumes. **Conservação da Vida**: saúde e meios de subsistência. **Comodidade da vida**: comércio, espaço público, manufatura, empregados domésticos. **Entretenimento da vida**.
- Objetos **urbanos e mercantis**. Problema da **coexistência densa**. Problemas do mercado. **Polícia e urbanização**: grandes áreas policiadas – **urbanizar = policiar**.

“Cada país procura ter a **população mais numerosa possível**; segundo, que esta população seja inteiramente posta para **trabalhar**; terceiro, que os **salários pagos a essa população sejam o mais baixos possível**, de modo que – quarto – os **preços de custo das mercadorias sejam os mais baixos possíveis**, que, por conseguinte, se possa vender o mais possível no exterior, venda esta que assegurará a importação do ouro, a transferência do ouro para o tesouro real ou, em todo caso, para o país que triunfar comercialmente deste modo. Ora, o que possibilitará, primeiramente, assegurar, é claro, o **recrutamento de soldados e a força militar indispensável para o crescimento do Estado.**” (FOUCAULT, 1978, p. 454)

“Parece que a ativação da circulação monetária fez a existência humana entrar no mundo abstrato e puramente representativo da mercadoria e do valor de troca. Pode ser, e pode ser que se deva deplorar isso, então deploremos. Mas creio que, muito mais que essa entrada da existência humana no mundo abstrato da mercadoria, o que se manifesta no século XVII é algo bem diferente. É um feixe de relações inteligíveis, analisáveis, que possibilitam ligar como as faces de um mesmo poliedro, um certo número de elementos fundamentais: a formação de uma arte de governar, que seria ajustada ao princípio da razão de Estado; uma política de competição na forma do equilíbrio europeu; a busca de uma tecnologia de crescimento das forças estatais por meio de uma polícia que teria essencialmente por finalidade a organização das relações entre uma população e uma produção mercadorias e, por fim, a emergência da cidade-mercado, com todos os problemas de coabitação, de circulação, como problemas do âmbito da vigilância de um bom governo de acordo com os princípios da razão de Estado.” (FOUCAULT, 1978, p. 455)

O golpe de Estado permanente

“A polícia não é, nesse momento, de forma alguma pensada como uma espécie de instrumento nas mãos do poder judiciário, uma espécie de maneira de aplicar efetivamente a justiça regulamentada. Não é um prolongamento da justiça, não é o rei agindo através do seu aparelho de justiça, **o rei agindo diretamente sobre seus súditos**, mas de forma não judiciária. (...) É portanto o exercício soberano do poder real sobre os indivíduos que são seus súditos, é nisso que consiste a polícia. Em outras palavras, **a polícia é a governamentalidade direta do soberano como soberano. Digamos ainda que a polícia é o golpe de Estado permanente.** É o golpe de Estado permanente que vai se exercer, que vai agir em nome e em função dos princípios da sua racionalidade própria, **sem ter de se moldar ou se modelar pelas regras de justiça** que foram dadas por outro lado. Específica, portanto, em seu funcionamento e em seu princípio primeiro, a polícia também deve sê-lo nas modalidades da sua intervenção. (...) As coisas da polícia **são coisas de cada instante**, enquanto as coisas da lei são definitivas e permanentes. A polícia se ocupa das coisas miúdas, enquanto as leis se ocupam das coisas importantes. **A polícia se ocupa perpetuamente dos detalhes, e enfim ela só age pronta e imediatamente.** Temos aí, portanto, em relação ao funcionamento geral da justiça, uma certa especificidade da polícia.” (FOUCAULT, 1978, p. 457)

Críticas ao Estado Policial

Meados do Século XVIII

- Problema do campo: **equilíbrio natural** entre oferta e demanda, entre preços e procura.
- Questiona o papel da regulamentação e da disciplina. **Fisiocracia e Liberalismo econômico. Contra a intervenção estatal.**
- **População deixa de ser pensada em termos de quantidade:** não dever haver gente demais justamente para que os salários não sejam baixos demais e haja interesse em trabalhar e se possa pelo consumo sustentar os preços. Há um número desejável de pessoas em um território e este número vai se ajustar por si próprio. **Regulação espontânea.**
- A razão econômica não substitui a razão de Estado, ela dá novas formas a esta racionalidade. **Se continua na ordem da razão de Estado.**
- **Naturalidade da Sociedade X Artificialidade da Polícia.** É diferente de uma naturalidade do cosmos. Não se trata de uma naturalidade do mundo, é uma naturalidade de quando os seres humanos cohabitam, intercambiam, trabalham e produzem.

“As coisas não são flexíveis, e não são flexíveis por duas razões. A primeira é que não apenas há certo curso das coisas que não se pode modificar e que, precisamente, tentar modificá-lo, só se faz agravá-lo. Assim, explicam os economistas, quando o cereal rareia, é caro. Se se quiser impedir que o cereal raro não seja caro valendo-se de regulamentos que fixem seu preço, o que vai acontecer? Pois bem, as pessoas não vão querer vender seu cereal, quanto mais se tentar baixar os preços, mas a escassez se agravará, mas os preços tenderão a subir. **Por conseguinte, não apenas as coisas não são flexíveis, como são de certo modo recalcitrantes, elas se voltam contra os que desejam modificar seu curso. (...) E a regulamentação da polícia é inútil, pois justamente, como mostra análise de que eu lhes falava há pouco, há uma regulação espontânea do curso das coisas.** A regulamentação não só é nociva, como, pior ainda, é inútil. Assim, é preciso substituir a regulamentação mediante a autoridade da polícia por uma regulação que se faz a partir e em função do curso das próprias coisas.” (FOUCAULT, 1978, p. 463)

Críticas ao Estado Policial

Meados do Século XVIII

- **Conhecimento científico**, racionalidade científica indispensável ao governo como modo de relação entre poder e saber.
- **Realidade específica da população**, suas leis e transformações. Vínculos e interações espontâneas entre indivíduos. **Naturalidade da população.**
- Governamentabilidade que respeita os processos naturais. Suscitar, facilitar, deixar fazer: **gerir x regulamentar**
- **A noção de polícia então se altera e adquire um sentido meramente negativo.**

Críticas ao Estado Policial

Meados do Século XVIII

- “Vai ser preciso instituir mecanismos de segurança. Tendo os mecanismos de segurança ou a intervenção, digamos, do Estado essencialmente como função garantir a segurança desses fenômenos naturais que são os processos econômicos ou os processos intrínsecos à população, é isso que vai ser o objetivo fundamental da governamentalidade.” (FOUCAULT, 1978, p. 474)

Contracondutas revolucionárias

- Foucault identifica também neste contexto uma série de **contracondutas** que servem como **resistência e recusa à razão de Estado** nesta sua nova configuração.
- Recusa **as exigências fundamentais da razão de Estado** se apoiando naquilo que as transformações desta própria razão de Estado **haviam terminado por fazer surgir**.
- Particularmente, se apóiam na **oposição entre sociedade e Estado**, e defedem um tempo no qual a **sociedade prevalecerá sobre o Estado**.
- A afirmação da realidade da sociedade que serviria para manter o Estado (saber-poder), se volta em resistência contra ele. **Contraconduta anarquista**.

Contraconduta anarquista

“Vamos ver se desenvolverem contracondutas que terão precisamente por princípio afirmar que **virá o momento em que a governamentalidade indefinida do Estado será detida** ou parada. Por o quê? Pela emergência de algo que será a própria sociedade. No dia em que a sociedade civil puder se emancipar das injunções e das tutelas do Estado, quando o poder de Estado puder enfim ser absorvido por essa sociedade civil – essa sociedade civil que eu procurei lhes mostrar como nascia na própria forma, na própria análise da razão governamental – com isso, **o tempo, se não da história, pelo menos do Estado terminará.**” (FOUCAULT, 1978, p. 478)

Contraconduta anarquista

“Procurei lhes mostrar como a razão de Estado colocou como princípio fundamental a obediência dos indivíduos e o fato de que, doravante, os vínculos de sujeição dos indivíduos já não deviam se fazer na forma feudal da vassalagem, mas na forma de uma obediência total e exaustiva, em sua conduta, a tudo o que pode ser um impertativo do Estado. Agora vamos ver se desenvolverem contracondutas, **reivindicações na forma da contraconduta, que terão como sentido o seguinte: deve haver um momento em que a população, rompendo com todos os vínculos de obediência, terá efetivamente o direito, não em termos jurídicos, mas termos de direitos essenciais e fundamentais, de romper todos os vínculos de obediência que ela pode ter com o Estado e, erguendo-se contra ele, dizer doravante: é minha lei, é a lei das minhas exigências, é a lei da minha própria natureza de população, é a lei das minhas necessidades fundamentais que deve substituir essas regras da obediência. Escatologia, por conseguinte, que vai tomar a forma de direito absoluto à revolta, à sedição, à ruptura de todos os vínculos de obediência – o direito à própria revolução.**” (FOUCAULT, 1978, p.479)

SUBJETIVAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E AUTONOMIA

Última fase do pensamento de
Foucault.

O sujeito e o poder
1982

O sujeito e o poder

- Novas formas de **subjetividades como possibilidades de subversões**
- Ética libertária
- Embora o poder continue constituindo sujeitos e identidades dominadas, existe a possibilidade de uma **subjetividade autônoma**
- Modo de auto-constituição que é **resistência**
- Sujeito: **resultante das forças que nos fazem ser aquilo que somos**
- A partir disso, tal subjetividade **passa a ter um estatuto transcendental, enquanto condição de possibilidade das experiências.**

Economia desejante

- Constituição de **percepções, desejos, vontades, gostos e ações**
- Além do indivíduo ser **explorado** (exploração), **dominado** (dominação), ele também seria constantemente **subsumido ao assujeitamento**, que se manifestaria no próprio desejo do indivíduo que é vítima da exploração em ser explorado.
- “(...) o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática reflexiva da liberdade? (...) A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas **a ética é a forma reflexiva de exercer a liberdade.**” (FOUCAULT, 1984, pp 102-103)

Sujeito dominado

- Objetivado, normatizado, assujeitado
- Construído pela submissão (voluntária) aos mecanismos de poder do Estado.
- A opressão seria desejada por meio do assujeitamento
- Guiado pela ordem dominante e por seus valores (propriedade privada, consumismo, heteronormatividade, acúmulo de dinheiro)

Sujeito autônomo

- Subversivo, capaz de exercer liberdade.
- Razão Pública *kantiana*
- Racionalidades subversivas se exercem em campos específicos e não numa forma homogênea e geral.
- Afirmam o direito à diferença, mas negam o individualismo que faz parte do próprio poder dominante da *modernidade*.
- Grande questão dessas resistências é: quem somos nós? A resistência seria um auto-conhecimento, que se recusa a aceitar a resposta a essa pergunta dada pelos saberes científicos.

Modernidade e Kant

- Dado a relação entre saber e poder, **limitar o saber é limitar o poder**. Kant teria estabelecido um **limite para poder político que a razão pode exercer e teria apontado com isso um refreamento dos fenômenos da tirania**.
- Esclarecimento (Aufklärung): onde **é geral que o poder se exerça em campos individuais específicos**.
- Foucault faz uma quebra dentro da própria modernidade, nela agora estariam ainda o **poder disciplinar exercido através da criação da subjetividade e do individualismo** e também uma outra forma de **subjetividade subversiva**. Kant é associado com esta segunda forma da saber-poder. A primeira é uma individuação totalizante, a segunda **o autoconhecimento daquilo que nos é próprio e ingovernável**.

Nova forma de subjetividade

- **Resistência à universalização** e à construção de identidades normatizadas
- Kant defendeu o questionamento através da **razão pública**, pois ele se preocupa com o nosso desenvolvimento enquanto espécie. Mas, para Foucault, não é preferencialmente da espécie que Kant está tratando, e sim do **momento presente**. A moral kantiana seria necessariamente válida para todos, ela seria o universalizável, mas ela também seria exercida pelo indivíduo.
- **Liberdade, Poder e subjetividade**: O poder, de maneira geral, existe em ato na constituição de sujeitos separados uns dos outros. O poder só existe porque existe liberdade, o total anulamento da liberdade nega também o sujeito e nega a própria possibilidade de poder.

Novas formas de subjetividade

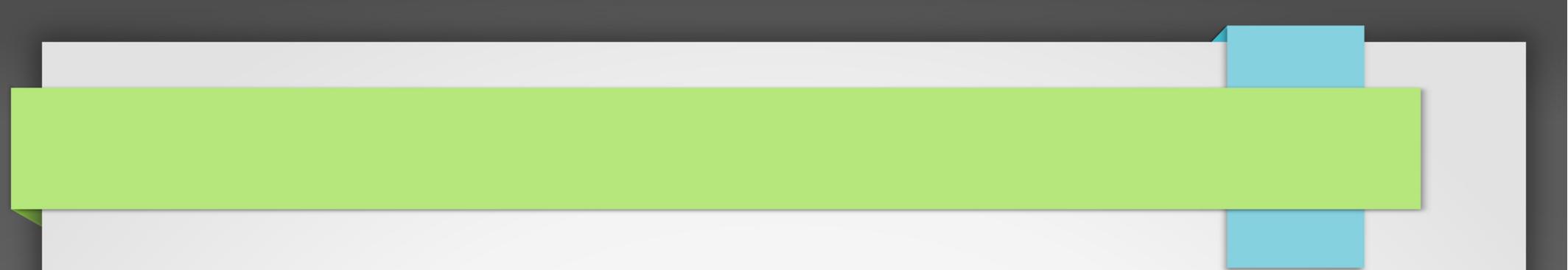
- Só **sujeitos livres** exercem e sofrem o **exercício do poder**.
- Os sujeitos **só são livres na medida em que sofrem ações do poder**, pois só existem através delas.
- Embora o sujeito seja produto do poder, **não há também com existir poder sem ele**.
- Não há como existir sociedade sem poder.
- Não há como existir vida humana sem sociedade.
- Viver em sociedade é justamente exercer poder, limitar ações, **criar sujeitos**.
- Mas as relações de poder não se dão necessariamente da mesma forma, **é possível mudar as relações de poder**.

Iluminismo originário

- Universalista em sua **abrangência** e individualizante em seu **foco**
- Crítica dos poderes da razão de dentro da razão
- A moral kantiana não é mais a marca do poder disciplinar, pois o Esclarecimento (Aufklärung), a instituição da liberdade, só garante **maior obediência se o princípio político que se deve obedecer, ressalta Foucault, estiver de acordo com a razão a qual o sujeito autônomo compartilha e a crítica impõe limites.**
- Kant estava defendendo isso baseado numa finalidade histórica para o ser humano: o livre uso da sua racionalidade. Foucault, por outro lado, está preocupado com as **subversões momentâneas**. Foucault defende uma afirmação do indivíduo que negue a totalização do individualismo normatizante. Numa sociedade individualista, isso significa justamente a afirmação da **vivência coletiva, da igualdade, do valor da amizade, da solidariedade.**

O que é a minha época?

- Discurso da **modernidade sobre a modernidade**.
- O presente tenta pensar a si mesmo para entender esse pensamento de si e **para se entender**.
- A modernidade, de maneira geral, pergunta de dentro de si sobre si.
- O **Esclarecimento** (Aufklärung) seria esse processo de tomada de consciência de si, de se situar no tempo, de **reflexão**. E esta reflexão é a **ética do sujeito livre**. Período da **autonomia**.
- Revolução Francesa. **O que é a Revolução? Acontecimento e signo rememorativo, presente constantemente, demonstrativo (presente) e prognóstico (futuro)**.
- **Revolução como fio condutor da história**. O que faz a revolução ser o símbolo que justifica o progresso da humanidade é o seu aspecto contagiante e seu entusiasmo. Signo moral da humanidade.
- **Direito à rebelião**. Direito dos povos se darem uma constituição política e no princípio moral autônomo dessa constituição.
- **A revolução começa e continua o Esclarecimento** (Aufklärung), apenas ela o justifica, apenas ela o transpassa.



“Deixemos à sua devoção aqueles que querem que se guarde viva e intacta a herança da Aufklärung. Esta devoção é certamente sobre a mais comovedora das traições. Não são os restos da Aufklärung que se trata de preservar; **é a questão mesmo deste acontecimento e do seu sentido (a questão da historicidade do pensamento do universal) que é preciso manter presente e guardar no espírito como aquilo que deve ser pensado.**”
(FOUCAULT, 1986, p.111)

“Quando Foucault é anarquista, o é tanto de um ponto de vista ético quanto político; **ética e política**, para ele, caminham lado a lado: a culpa e a inocência são criadas pelo código jurídico, a normalidade e a anormalidade pelas disciplinas científicas. Abolir os sistemas de poder significa abolir de uma só vez as categorias jurídicas, morais e também científicas. Mas o que sobra, então? Foucault não acredita, como faziam os primeiros anarquistas, que o ser humano livre seja um sujeito de um certo tipo, bom por natureza e sinceramente sociável, pelo contrário, está convencido que não existe algo que possa ser definido como um ser humano livre, que não existam homens ou mulheres naturais. **Homens e mulheres são sempre criações sociais, produtos de códigos e disciplinas.**” (WALZER, 1991, p. 258)